



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

PRÁTICAS COTIDIANAS DE MICROPOPULAÇÕES E EMANCIPAÇÕES POSSÍVEIS

Patrícia Baroni

Proped – Uerj

www.proped.pro.br

Não há como negar que em nosso país existe uma tendência predominante, marcada por desigualdades e exclusões, de considerar grande parte da população que habita áreas rurais como a parcela atrasada e deslocada no pretensioso projeto da modernidade. Deste modo, moradores de pequenas comunidades distanciadas dos centros urbanos são vistos por muitos como condenados à extinção. De acordo com este modo de pensar, não haveria necessidade de políticas públicas específicas para estas comunidades, a não ser aquelas de caráter compensatório à sua própria condição de inferioridade ou aquelas realizadas face às pressões sociais. Contudo, se de um lado é difundido um modelo de desenvolvimento que exclui estas pequenas populações, de outro, de maneiras microscópicas e originais, reagem estas populações que recusam tal exclusão e lutam pela vida digna, produzindo táticas de resistência econômica, política, cultural e educativa.

Considerando que os espaços escolares nestas pequenas comunidades exercem não apenas as atribuições descritas nos regimentos escolares, mas também se compõem como espaços de reivindicações das lutas cotidianas de pequenas comunidades, é possível afirmar que nestas escolas se pode ouvir os clamores e anseios de quem dispõe de tão poucos canais para ser ouvido.

Nessas escolas, a “lógica das práticas” (CERTEAU, 1994) é tecida pelas táticas de muitos praticantes, suas trajetórias de vida, soluções coletivas, dinâmicas emancipatórias, entre outros. São tessituras cotidianas que asseguram o funcionamento das comunidades onde se inserem. Pensando em uma rede de escolas públicas, é possível afirmar que cada uma das unidades dispõe de uma história própria, de praticantes singulares, de táticas únicas, cabíveis exclusivamente nos espaços onde se localizam. Porém, em uma rede de escolas, mesmo com os caminhos e histórias particulares de cada uma delas, há unidades visíveis, seja pela proximidade da área mais



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

urbanizada, seja pelo tamanho de suas estruturas, seja pelos muitos problemas levados às secretarias de educação ou a outros órgãos administrativos das redes. Há também unidades invisibilizadas, distantes de áreas centrais, com pequenas estruturas, cujos problemas cotidianos, muitas vezes são resolvidos no seu interior.

Chego à proposta deste texto que tenciona apresentar produções cotidianas de caráter emancipatório tecidas no interior de unidades escolares que se instalam em comunidades invisibilizadas, as quais colaboram com a visibilidade de uma rede de escolas. Conforme Certeau explicita:

No espaço tecnocraticamente construído, escrito e funcionalizado onde circulam, as suas trajetórias formam frases imprevisíveis, “trilhas” em parte ilegíveis. Embora sejam compostas com os vocábulos de línguas recebidas e continuem submissas a sintaxes prescritas, elas desenham as astúcias de interesses outros e desejos que não são nem determinados nem captados pelos sistemas onde se desenvolvem. (1994, p. 45)

O lugar dessa pesquisa é o município de Duque de Caxias - um dos mais importantes da Baixada Fluminense - com uma rede composta por cento e setenta e quatro escolas municipais até a presente data¹. Dessas, quarenta e quatro escolas foram classificadas como sendo unidades de “difícil acesso” e onze foram definidas como “escolas de difícil acesso”.

O foco desta pesquisa se situa exatamente no estudo das astúcias e táticas tecidas cotidianamente no interior dessas onze unidades escolares de “difícil acesso”, considerando já, pela nomenclatura da classificação pertinente, que a visibilidade das práticas dessas comunidades onde se instalam essas escolas também é de difícil acesso. Este texto, entretanto, é composto pelas narrativas das visitas a duas dessas onze escolas já que a pesquisa completa compõe o texto final de minha dissertação de mestrado.

É a partir desta introdução que inicio a narrativa que trata da primeira escola que visitei e onde pude vivenciar essa luta cotidiana pela visibilidade.

Quando fazemos viagens de carro ou ônibus e passamos por rodovias em alta velocidade, dificilmente nos damos conta da infinidade de pequenas comunidades que estão instaladas ao longo destas rodovias. Quem desce a Serra de Petrópolis sentido Rio

¹ Texto escrito e apresentado em junho de 2011.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

de Janeiro, a BR-040 e passa à altura do quilômetro 102, muitas vezes não faz ideia de que a pequena estrada de terra batida cortada pela rodovia dá acesso à comunidade do Aviário.

Numa tarde de quinta-feira, visitei a Escola Municipal Brasil-Itália, situada na referida comunidade. A escola – que foi nomeada dessa forma por conta de sua construção ter sido financiada por um italiano – conta com uma área de 200 m², três salas de aula e atende a cento e dez crianças. Chegar até esta escola é transitar por um bom trecho de terra batida, margear o Rio Santo Antônio e a Serra de Petrópolis e, eventualmente, ter que espantar algumas vacas que descansam no meio da estrada.

A conversa na escola passou pelas funcionárias de apoio (auxiliares de serviços gerais e cozinheiras, todas moradoras da comunidade), pelas quatro professoras que estavam reunidas num grupo de estudos e chegou até Vera Lúcia Rocha, diretora da escola e moradora há vinte e dois anos da comunidade Aviário. Gaúcha de 58 anos, foi Vera quem me apresentou relatos interessantes que são foco desta pesquisa. O seu tempo de moradia no local, a sua formação educacional e o exercício do cargo de direção da única escola pública do Aviário, tornaram Vera a representante de uma série de demandas da comunidade. Como na comunidade também inexistia uma associação de moradores, ela foi reconhecida enquanto uma líder informal. Em seu relato, Vera declarou que quando alguém passa mal durante a madrugada e precisa ser conduzido a um hospital ou quando falta energia elétrica na comunidade é a ela que os moradores recorrem. Enfim, para as mais diversas situações, a diretora Vera é procurada pela comunidade para solucionar as dificuldades.

No momento dessa pesquisa, a questão principal demandada se refere às mudanças urbanísticas na Rodovia BR-040 que atravessa a comunidade. Durante o ano de 2011 e até 2013, a CON CER (Companhia de Concessão Rodoviária Juiz de Fora-Rio) realizará obras na rodovia cujos objetivos principais atingirão diretamente a comunidade do Aviário. Atualmente, os acessos à comunidade são dois: ou se atravessa a rodovia para chegar às outras comunidades de Xerém ou se usa a própria pista de descida da serra de Petrópolis (BR-040) para acessar a comunidade. Conforme consta no site da concessionária, as mudanças promoverão inúmeros benefícios à população, dentre eles, “mudança da praça de pedágio do km 104 para 102, permitindo que



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

comunidades de Xerém passem a ter uma ligação direta com o centro de Caxias”². O site disponibiliza também um vídeo em que apresenta outras ações que serão realizadas na rodovia e que eliminaria um dos acessos à comunidade Aviário: a separação do tráfego da rodovia do tráfego local. Conforme o vídeo disponibilizado no site da concessionária, as modificações a serem realizadas na rodovia promoverão conforto e segurança aos usuários, bem como tornarão a via mais preparada para o crescimento econômico do país.

Segue abaixo a transcrição do trecho do vídeo disponibilizado pela empresa na internet que evidencia os propósitos da obra.

A BR-040 é uma das mais importantes rodovias do país. O trecho conhecido como Rodovia Washington Luís, ligando o Rio de Janeiro à Petrópolis foi construído há mais de cem anos e representa um marco no desenvolvimento do Brasil. Com investimentos que garantem cada vez uma rodovia mais preparada para o crescimento econômico do país, a CONKER emprega soluções de engenharia que trazem conforto e segurança aos seus usuários, buscando também atender às solicitações das comunidades que moram próximo à rodovia. Atenta à crescente demanda dos transportes de carga, a realização da Copa de 2014 e das Olimpíadas de 2016, a CONKER trabalha na Nova Subida da Serra de Petrópolis a ser implantada junto à atual pista de descida. O projeto prevê uma pista com traçado moderno e a construção do maior túnel rodoviário do Brasil conciliando desenvolvimento com preservação do meio ambiente. O ponto inicial da duplicação é o quilômetro 102, próximo ao início da atual subida da Serra de Petrópolis. Um dos objetivos do projeto é proporcionar a conexão direta entre Santa Cruz da Serra e Xerém ao centro de Duque de Caxias. A duplicação da subida inclui a duplicação da pista de descida já existente, além da implantação de vias laterais e alças de acesso, reduzindo o tempo de viagem e aumentando ainda mais a segurança para o tráfego de longa distância da rodovia. A passagem interior do aviário vai eliminar a atual travessia em nível contribuindo para o conceito de separação entre o tráfego local e o tráfego de longa distância. (<http://www.conker.com.br/Investimentos/NovasubidadaSerra.aspx>)

Essas ações têm um significado para a comunidade do Aviário que diferem bastante do propósito das obras apontado pelo site. O fato de estar na divisa dos Municípios de Duque de Caxias e Petrópolis faz com que os moradores busquem atendimento às suas necessidades principais no município de Petrópolis. Com a nova localização do pedágio, chegar até Petrópolis se tornará muito mais caro, pois os

² <http://www.conker.com.br/Investimentos/NovasubidadaSerra.aspx>



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

acessos ao município serão pedagiados. De qualquer forma, poderíamos acreditar que os moradores perderão o acesso à Petrópolis, mas ganharão o acesso não pedagiado ao centro do município de Duque de Caxias. Entretanto, a eliminação do acesso da comunidade à rodovia tornará a chegada ao centro desta cidade muito mais distante. Foi com a percepção de que o difícil acesso em curto espaço de tempo se tornaria um “acesso praticamente impossível”, que moradores da comunidade procuraram a direção da Escola Municipal Brasil-Itália em busca de soluções. De acordo com a diretora Vera, a comunidade afirma que está condenada à extinção. Desde então, Vera tem sido o elo promotor do diálogo entre a concessionária e a comunidade. Coube a ela procurar a presidência da instituição, marcar as reuniões e levar os anseios da comunidade para a concessionária. No presente momento, a comunidade aguarda o novo projeto prometido pela CONCER para o Aviário. Contudo, caso soluções não sejam apresentadas, “alguma outra coisa deverá ser feita”. Esta foi a fala de um morador da comunidade há trinta anos, José Antônio Torres, afirmando que “a direção da escola sempre correu muito atrás de tudo pela comunidade”. Segundo ele, “se a Concer precisar de ajuda nossa pra trabalhar na obra, se for pra melhoria dos acessos à comunidade, a gente junta a turma e trabalha de graça”. Afirma ainda que por diversas vezes a comunidade se uniu para resolver questões específicas daquele espaço. O Aviário não conta com distribuição de água pela Companhia de Águas e Esgotos do Estado do Rio de Janeiro. A água que abastece a comunidade provém de nascentes e a falta de saneamento básico faz com que a população utilize fossas e sumidouros. A comunidade acredita que a quantidade de fossas ali existentes já deva estar poluindo a água distribuída pelas nascentes. Quando questionada por José sobre ao que se referia meu trabalho, e tendo explicado ao mesmo os objetivos, ele me pediu que inserisse em minha produção o fato de a comunidade necessitar de saneamento básico urgente. “Quem sabe alguém lê e tenta resolver nosso problema?” É mais uma tática...

A busca por canais para expressão de suas demandas encontra ressonância no pensamento de Honneth (2009) ao tratar da “luta pelo reconhecimento”. De acordo com o pensamento do autor, há sentimentos de pertencimentos compartilhados que unem aqueles que não foram reconhecidos. As motivações para a participação ou identidade com lutas e conflitos sociais advém da memória de experiências morais e desrespeito e da privação de direitos. Estes conflitos têm um papel educativo na sociedade: eles



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

apontam os espaços em que não há respeito pelo outro e os problemas que daí decorrem. Ao lutar pelo seu reconhecimento, os praticantes estão trabalhando com os conflitos existentes. Deste modo, pode-se afirmar que alguns movimentos sociais surgem destas relações de conflito e são parte da luta por reconhecimento (GOHN, 2009). De acordo com Honneth,

o engajamento nas ações políticas possui para os envolvidos também a função direta de arrancá-los da situação paralisante do rebaixamento passivamente tolerado e de lhes proporcionar, por conseguinte, uma autorrelação nova e positiva. A razão desta motivação secundária da luta está ligada à própria estrutura da experiência de desrespeito (...) se um semelhante estado de inibição da ação é superado agora praticamente pelo engajamento na resistência comum, abre-se assim para o indivíduo uma forma de manifestação com base na qual ele pode convencer-se indiretamente do valor moral ou social de si próprio: no reconhecimento antecipado de uma comunidade de comunicação futura para as capacidades que ele revela atualmente, ele encontra respeito social como a pessoa a quem continua sendo negado todo o reconhecimento sob as condições externas. (2009, p.259)

A diretora Vera afirma essa luta cotidiana e reclama que suas demandas são compreendidas por boa parte das pessoas que as ouve como uma necessidade de exibição e auto-promoção: Ela quer é aparecer! Enquanto isso, Vera continua tentando, no cotidiano, fazer com que a comunidade do Aviário apareça, pois sem o reconhecimento, esta comunidade tende a desaparecer.

A segunda visita foi à Escola Municipal Santo Izidro. Algumas das escolas de difícil acesso recebem o nome que também é da comunidade onde estão inseridas. É possível dizer que a Comunidade Santo Izidro fica no meio de um caminho. A Estrada do Cantão que conduz à comunidade, se inicia em Xerém e termina em Santa Cruz da Serra. O início desta estrada nos faz compreender que se trata de uma área industrial em virtude muitas indústrias ali instaladas. Contudo, alguns quilômetros depois, a Estrada do Cantão atravessa uma área rural. Nessa área, vários acessos de terra batida conduzem às pequenas comunidades; uma dessas é a comunidade Santo Izidro. Ao chegar nela fui apresentada às principais instituições locais: a Igreja de Santo Izidro, ao campo de futebol, à “barraca” e à escola. Localizada ao lado da escola, a barraca de madeira que nos fins de semana à noite é a sede do único entretenimento da comunidade, durante o dia, sem funcionamento, passou a ser o ponto considerado “neutro” para eventuais reuniões.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Cícera Gomes e Marcela Souza, funcionárias da secretaria da escola e moradoras de longa data da comunidade, foram as anfitriãs que me apresentaram com diversas aprendizagens daqueles espaços. De acordo com seus relatos, a comunidade recebeu esse nome em razão de um antigo morador, dono de uma grande propriedade na região e devoto de Santo Izidro, ter montado em sua residência um grupo de orações para o santo. Santo Izidro, padroeiro da cidade de Madri (Espanha) é o protetor dos lavradores e sua história relata a impossibilidade de frequentar a escola em virtude do trabalho muito cedo nas lavouras. O local das orações deu origem à igreja católica da comunidade. Após o falecimento desse morador e o crescimento da população da comunidade, a demanda por uma escola na região também cresceu. A prefeitura então inaugurou a Escola Municipal Santo Izidro no interior do prédio que abrigava a igreja. Entretanto, a comunidade que crescia seguia, em sua maioria, outras religiões. A nova demanda da comunidade era de que a escola dispusesse de um prédio próprio. Assim, o prédio da Escola Santo Izidro foi inaugurado ao lado da igreja com apenas duas salas de aula que atendiam às necessidades da comunidade na época. Com a implementação do transporte escolar realizado da comunidade por duas viaturas, a clientela atendida pela escola se ampliou. Atualmente, a Escola Santo Izidro atende a 165 crianças da própria comunidade e de várias outras pequenas comunidades no raio de dez quilômetros. As duas salas de aula já não são suficientes e dois outros espaços na escola que antes eram utilizados como depósitos foram adaptados para dar lugar a mais duas salas de aula.

Cícera sinalizou que, há pouco tempo, uma nova reivindicação das comunidades foi atendida. Desde abril de 2011 a escola passou a oferecer uma turma de alfabetização de adultos. Até o dia de minha visita à escola, foram matriculados vinte e sete alunos, mas a escola espera receber mais alunos em breve.

Conforme as funcionárias contaram, a escola teve uma importância muito grande para a comunidade. Segundo elas, quando crianças, as famílias da região sobreviviam com muita precariedade da coleta de “tiririca-do-brejo”. Certamente, muitos de nós já escutamos a frase: “já fui flor do campo e hoje sou tiririca-do-brejo”. A tiririca-do-brejo, cujo nome científico é *cyperus rotundus* é uma erva daninha de difícil controle no campo cujas semente são aproveitadas na alimentação de pássaros³. Segundo Marcela, as tiriricas eram catadas, ensacadas e vendidas por preço muito baixo nos fins de

³ www.plantamed.com.br/.../Cyperus_rotundus.htm



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

semana nas feiras de Xerém e do centro do município de Duque de Caxias. Marcela conta que outras possibilidades de ofício não eram oportunizadas às famílias antes da escola, especialmente em virtude da não escolarização da população. De acordo com as fichas dos alunos hoje matriculados na escola, cerca de cinquenta por cento dos moradores da comunidade exercem funções diversas nas várias indústrias próximas. Contudo, ela reconhece que há muita gente por lá que ainda sobrevive precariamente tendo como fonte de renda a venda das sementes.

Marcela conta ainda que essas demandas comunitárias obtiveram resposta pois na comunidade existia uma associação de moradores. Inicialmente, as reuniões eram realizadas na igreja. Em seguida, passaram a ser feitas na escola. Finalmente a associação se diluiu e, quando a comunidade precisa por algum motivo se reunir, esse encontro tem sido feito de maneira informal “na barraca”.

Ter acesso a todas estas questões na comunidade Santo Izidro me proporcionou o entendimento de que o cidadão coletivo presente nos movimentos sociais enquanto agente mobilizador que pressiona de formas diversas as instâncias globalizantes na busca por mudanças sociais se organiza em interesses de coletividade de diversas naturezas. As demandas sociais pela educação não se fazem presentes apenas em grandes movimentos sociais, mas também nas pequenas comunidades que encontram na escola a possibilidade de emancipação. Gohn explica as demandas educacionais como sendo

(...) o conjunto de necessidades da sociedade que demandam processos de ensino e aprendizagem. Elas podem se expressar diretamente, ou indiretamente, através de necessidades que se impõem como forma de solução para os problemas que afligem a sociedade, podendo estar ou não expressas em demandas de grupos específicos. (2009, p. 57)

Deste modo, a comunidade Santo Izidro segue produzindo cotidianamente emancipações possíveis em meio ao que não é visível e assegurando, ainda que silenciosamente, sua cidadania coletiva construída “no cotidiano através de processos de identidade político-cultural que as lutam cotidianas geram” (GOHN, 2009, p.16-17).

Pesquisar o cotidiano de escolas de difícil acesso implica conhecer fazeres pedagógicos diversos que atravessam de modo bastante significativo as vidas dos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

moradores das comunidades onde as mesmas se instalam. Penso também ser importante, debater as concepções referentes ao conceito de democracia, visto que práticas de emancipação que atravessam e são produzidas nos cotidianos destas unidades escolares nem sempre passam o que globalmente se entende como prática democrática.

O reconhecimento e a valorização das racionalidades locais, dos pequenos fazeres, nos apontam para a análise do sentido da democracia no mundo contemporâneo. Esta vem se afirmando como uma dinâmica de exclusão em boa parte dos espaços da sociedade, uma vez que, muitas vezes, práticas entendidas como de cunho democrático não garantem ampla participação cidadã, nem a vivência da diversidade, entendida esta última aqui como um trabalhar com as diferenças sem, contudo, hierarquizá-las.

Neste sentido, apresento enquanto reflexão nesta pesquisa o diálogo sobre as possibilidades de investigar práticas de potencial democrático em que haja efetiva participação cidadã, priorizando aquelas que são tecidas em meio às relações evidenciadas na vida cotidiana. Desta forma, poderíamos observar a vida cotidiana na sua multiplicidade de fios que organizam uma *lógica de práticas* (Certeau, 1994) e que se configuram em uma dança tanto desordenada quanto promotora de sutis e provisórias “harmonias”.

Sendo assim, compreende-se que uma dada sociedade disporá de maior potencial democrático conforme for a efetividade de seu funcionamento e os mecanismos decisórios sobre os quais se apoia. Tal democracia social requer a construção de práticas emancipatórias que possibilitem problematizações contínuas da hierarquização e dos jogos de poder que constituem as relações nos e entre os diferentes grupos que tecem a teia social. Para que isso seja possível, faz-se necessário colocar em questão as produções de sentido dos grupos hegemônicos, assim como buscar resgatar as possibilidades inventivas que podem vir a se encontrar invisibilizadas em grupos subalternizados que, entre outras manifestações discriminatórias, se sujeitam ao silenciamento originário do contexto não-democrático.

No que se refere à idéia de participação cidadã, acredito ser necessário repensar o conceito da cidadania para além do mero direito ao voto, o que nos convida a compreender a cidadania de modo plural, considerando as maneiras (os usos) que diferentes populações possuem sobre o exercício dos seus direitos. Portanto, isso



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

significa pensar este debate tendo como referência as práticas emancipatórias que se traduzam como ações as quais amplifiquem o campo de possíveis das dinâmicas democráticas, apoiadas na concepção de que “a democracia é uma obra de arte político-cotidiana que exige atuar no saber que ninguém é dono da verdade e que o outro é tão legítimo quanto qualquer um” (MATURANA, 2001, p.75).

Se o conceito de cidadania é construído segundo os moldes globalizantes, a cidadania enquanto prática vivida se escreve/inscreve sobre as linhas do cotidiano mediante os fazeres nos “espaçostempos” contextualmente localizados, contemplando a perspectiva de que os usos pelos sujeitos desses “espaçostempos” não correspondem aos significados da cidadania definidos pelos moldes globais. Neste sentido, constitui-se o cotidiano um espaço de possibilidades para a percepção das relações de poder, dos usos subjetivos e das subversões às ordenações de sentido hegemônicas nas dinâmicas sociais. Certeau fundamenta as ideias supracitadas ao afirmar que

a presença e a circulação de uma representação (ensinada como código de promoção sócio-econômica por pregadores, por educadores ou por vulgarizadores) não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários. É necessário analisar a sua manipulação pelos fabricantes que não a fabricam. (1994, p.40)

Portanto, além do questionamento sobre a existência de forças globalizantes que constroem e modulam planos para grupos que pretendem manipular, é necessário explicar porque tais grupos não se reduzem a estas pretensões; ao invés de simplesmente absorverem as definições dominantes, por inúmeras vezes, se reapropriam de maneira singular delas, redimensionando-as nos microespaços coletivos através de suas variadas maneiras de fazer.

Deste modo, como nos afirma Cohen apud Gohn (2009, p. 55), “a democracia não se legitima só com o voto, mas sim mediante discussões e decisões coletivas dos membros da sociedade”. Neste agir coletivo existe produção de saberes. Tais produções são dinamizadas pelos praticantes nos/dos cotidianos, inferindo nas dinâmicas que tratam do exercício da cidadania. Conforme nos explicita Arroyo,

recentemente se enfatiza que aos direitos do cidadão correspondem deveres do Estado. Colocada a vinculação entre a educação e cidadania nesses termos, o que se ressalta é que o Estado tem o dever de responder às reivindicações populares. A democracia estará sendo construída à medida que o Estado



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

responda às demandas desses direitos. Colocando o problema da democracia nesses termos, se ocultam os processos centrais de constituição da cidadania e da democracia: os processos sociais através dos quais as camadas populares agem como sujeitos políticos de reivindicação, os processos mentais que foram definidos e afirmados nos movimentos reivindicativos, as formas de organização que se fortalecem, o poder popular que aumenta, ou seja, o próprio projeto político-pedagógico da construção da identidade popular que se dá no confronto povo-Estado. É aí que a democracia avança e se constrói. (2007: 77-78)

Entretanto, ao tratar dos movimentos sociais e suas reivindicações é comum a associação aos grandes movimentos sociais e, sobretudo, aos “novos movimentos sociais” (o feminismo, o ambientalismo, etc.) que “tratam de campanhas de tema único voltadas para fins não materiais obtendo apoio de diversas classes” (GIDDENS, 2005, p. 572). Ao apontar as práticas reivindicatórias de comunidades invisibilizadas de Duque de Caxias, explicito as demandas variadas de pequenos movimentos sociais, considerando que estas microorganizações e suas soluções coletivas compõem um repertório de táticas que buscam mudanças nos modos de viver destas comunidades. Os movimentos sociais que abordo são “históricos e têm, embutidos, uma historicidade particular, que se expressa em suas práticas, na sua composição, em suas articulações e em suas demandas” (GOHN, 2009, p.100).

Assim sendo, ainda que a escola represente para muitos um instrumento de reprodução dos meios globais, ela é também um lugar privilegiado onde múltiplas práticas cotidianas de “desobediência” se realizam. Todos certamente trazemos de nosso cotidiano escolar lembranças, imagens, vozes, leituras, manifestações de afeto (ou de desafeto) que nos remetem a um momento específico da vida e que nos constituem em nossas posturas e ações atuais. Tal “espaçotempo” que certamente construiu e reconstruiu caminhos “nas redes de sujeitos que cada um de nós é” (SANTOS, 2008, p. 107) tem sido meio impulsionador para inúmeras práticas em diversas comunidades.

Neste sentido, pretende-se que essa proposta contribua para que a investigação das práticas cotidianas da escola forneça subsídios para o reconhecimento de manifestações inovadoras, necessárias, escolhidas e vividas as quais durante longo tempo se mantiveram presentes, porém, subjugadas a uma compreensão de que o saber e o fazer são distintos. Quem sabe, se torne possível, assim, apurar os olhares para os pequenos retalhos da vida cotidiana.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel G. Educação e exclusão da cidadania. In: _____, BUFFA, Esther, NOSELLA, Paolo (orgs.). **Educação e cidadania: quem educa o cidadão?** 13. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1994.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia.** 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GOHN, Maria da Glória. **Novas teorias dos movimentos sociais.** 2. ed. São Paulo: Loyola, 2009a.

_____. **Movimentos sociais e educação.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009b

HONNETH, Axel. **A luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais.** 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

MATURANA, Humberto. . Cognição, ciência e vida cotidiana. In: MAGRO, Cristina; PAREDES, Victor (orgs.). **Cognição, ciência e vida cotidiana.** Belo Horizonte: UFMG, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade.** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2008.